**COM AMOR E COM PULGAS**

Peppe Company - Cia. Artística, da cidade de Santo Ângelo, RS, trouxe ao palco do Teatro do SESC - Santa Rosa, durante o Cena Viva 2017, o espetáculo infantil COM AMOR E COM PULGAS. Não há informação, no folder do Festival e nem na ficha técnica entregue aos avaliadores/debatedores, sobre a autoria do texto do espetáculo em questão, bem como da grande maioria dos outros concorrentes. De qualquer forma, a Companhia é assídua freqüentadora dos festivais, pelo interior do Estado, sendo seus integrantes, praticamente em sua totalidade, oriundos e formados em tais eventos, via debates, assessorias, avaliações, oficinas, e outras atividades afins. Desta feita, seu trabalho é árduo e, o seu crescimento dá-se a passos lentos, tal e qual formiguinhas incansáveis e persistentes em seus objetivos.

Creio ser, pelo que pude acompanhar durante o passar dos anos, COM AMOR E COM PULGAS, o melhor espetáculo do Grupo, por mim assistido. Há um capricho indiscutível na realização de seus figurinos e cenário, criando uma estética visual unificada e limpa, a partir de poucos elementos utilizados. Detalhes 'fora dos trilhos' foram bem discutidos no debate que acontece após cada apresentação, salientando itens passíveis de retoques, muito bem aceitos pelo Grupo. Iluminação - quesito sempre problemático para 90% dos grupos, na medida em que não há equipamento à disposição para a concepção, e respectiva prática demandada pelos espetáculos -, foi um dos quesitos técnicos em déficit, pode-se assim dizer. Houve problemas com o uso das cores, na iluminação, que alteraram a percepção do colorido original de alguns figurinos (problema esse, extensivo a outros grupos concorrentes). Acredito, porém, ser o maior problema técnico, a escolha da trilha sonora, muitas vezes embarcando em concessões desnecessárias e óbvias, que ofuscam o brilho e o andamento de espetáculo, tão bem elaborado em outros quesitos. Refiro-me, especificamente, a dublagens de canções, que podem ser, perfeitamente, cantadas pelos atores e; a utilização de uma canção de Roberto Carlos com a cantora Simony, sublinhando conceitos sobre amizade, melosamente, subestimando a capacidade dos espectadores em assimilar o conteúdo do espetáculo, já resolvido e bem exposto pela dramaturgia. Com relação à dramaturgia propriamente dita, a ação proposta se passa em um beco qualquer, de uma cidade qualquer, onde um cachorro tem por melhor amigo um gato malandro e bonachão, ao qual pede ajuda, no sentido de que este interceda junto à 'gata do pedaço', pela qual está apaixonado. Isto, ao meu ver, dispersa o foco de uma situação indissolúvel, estruturada na intenção de abrir discussão sobre o relacionamento entre diferentes e outros aspectos tão em voga nos dias que correm. Após inúmeros qüiproquós, idas e vindas, enlaces e desenlaces, tudo se resolve, e a amizade entre todos (há outro personagem, Rambo, cão de guarda de uma residência frente à qual a ação se desenrola) é celebrada. Talvez esteja eu, querendo uma solução realista para o conflito, o que não acontece. Mas, porém, todavia, contudo, fico a me perguntar: há como sustentar uma paixão entre cães e gatos? Creio que não. E a solução é reforçar o laço de amizade entre os envolvidos (isto sim, passível e possível de acontecer), e torcer para que vivam felizes para todo o sempre; o que realmente acontece, embora não seja contemplado no desenrolar da ação, o 'leitmotiv' proposto.

Rodrigo Peppe, como Rambo, deve buscar maior truculência e rabugice, que faça jus ao nome de seu personagem, ainda muito doce e folgazão; e, Naijan Messa, sinto que deva controlar um pouco o excesso de movimentação de seu gato Chico, e buscar, sempre, emitir a voz num registro mais grave e menos metálico. Luciano Rodrigues, embora defenda seu cão atingido por um cupido desatento, não deve cair na armadilha de reduzir sua energia cênica. O cão está, digamos, de 'farol baixo' devido à crise amorosa, mas o ator não pode se deixar abater, arriscando um tom monocórdio de difícil recuperação. Fabiane Kioska, em seu primeiro trabalho como atriz, defende sua gata com serenidade, sem maiores empecilhos para sua realização.

Creio que um breve retorno à sala de ensaios, servirá para azeitar estas pequenas arestas e incutir um ritmo mais ágil ao espetáculo, tornando-o mais agradável aos espectadores do que já está. Os espectadores (principalmente as crianças, o público alvo) envolvem-se e participam ativamente do espetáculo, com atenção e interesse. E isso é o que realmente importa e, é na verdade, o mais difícil de ser conseguido. O Grupo está, portanto, de parabéns pelo conseguido, e, creio que ao debruçar-se com atenção às proposições emitidas nos debates (incluindo as minhas aqui registradas), o espetáculo terá um ganho imediato.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.